

Lembrando Churchill

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

Convenhamos que não é fácil ser Bolsonaro. O presidente, com seu método peculiar de enxergar o mundo, é raso no pensamento, superficial na compreensão dos fatos políticos de seu país, cuja história não conhece. Ignora as sutilezas do processo, não percebe exemplos de personagens marcantes na política brasileira. A soma dessas “qualidades” resulta no personagem que se comporta como se estivesse num botequim, tomando chope com amigos, território livre do debate irresponsável, onde cada um discursa sobre qualquer assunto sem assumir responsabilidade sobre as consequências.

No Brasil, há exemplos de governantes que entendiam ter a verdade sobre todas as coisas. Jânio Quadros renunciou em 1961 certo de que o povo haveria de clamar nas ruas pelo seu retorno à presidência. O povo não apareceu, e ele foi obrigado pelas circunstâncias a embarcar, em Santos, em navio cargueiro inglês para sofrer um longo exílio. O ex-presidente João Figueiredo também viveu seu inferno presidencial. Ele seguiu o roteiro traçado por seu antecessor, até que uma bomba explodiu no colo de um sargento no estacionamento do Riocentro. Ele não conseguiu punir os responsáveis pelo desastrado atentado. A partir daí, ensandeceu.

Terminou seus dias odiando jornais, jornalistas e políticos afirmando que foi traído até pelos seus companheiros de farda. Figueiredo sofreu muito na Presidência e depois dela. Morreu amargurado. Mas deixou a marca de sua profunda mágoa ao não entregar a faixa presidencial para seu sucessor, José Sarney. Saiu antes da festa começar por uma porta lateral do Palácio do Planalto. Naquela atitude simples, revelou seu desencanto com a política e com os políticos. Como acontece hoje, ele não tinha boas relações com seu vice, Aureliano Chaves, político mineiro, calmo, que trabalhava pela redemocratização em seu próprio ritmo.

Bolsonaro é um político que pode mais do que sabe, segundo a magistral síntese formulada por Ulysses Guimarães sobre quem devemos temer. Ele não mede as consequências de seu destampatório. É um presidente sem partido, portanto, sem correligionários, sem raízes e sem projeto para a Nação. Ele abandonou o PSL de maneira abrupta, irritou muita gente, deixou seu pessoal ao desabrigo e procura uma legenda para se candidatar à reeleição, coisa que prometeu não fazer. Mas para além da promessa não cumprida, o presidente encontra dificuldades para ser aceito nas legendas disponíveis, sinal claro de que sua situação eleitoral hoje é diferente da que usufruía dois anos atrás. As pesquisas de opinião indicam que, se fosse hoje a eleição, ele não chegaria ao segundo turno. Político trabalha para sobreviver. Seleciona parcerias com cautela e objetividade.



Eventual tentativa de impor algum tipo de governo forte no Brasil implica em ter anuência da indústria, do agronegócio, dos militares de alta patente e da grande imprensa. Além do governo norte-americano. Em 1964, todos esses segmentos estavam alinhados contra o presidente da época, João Goulart. Hoje não estão. Mesmo porque o maior investidor estrangeiro no Brasil é o dragão chinês. A conjuntura se modificou muito. Referências de cinco décadas atrás não se aplicam na realidade atual.

A possível reunião dos chefes dos Três Poderes, Judiciário, Legislativo e Executivo para riscar as linhas demarcatórias da ação de cada poder dentro dos parâmetros oferecidos pela Constituição de 1988 parece destinada a ser apenas mais um capítulo do desgaste do atual governo. Lembra a ilusão de Neville Chamberlain, primeiro-ministro inglês, que, em 1940, com a Inglaterra ameaçada pelo poderio nazis-

ta, tentou fazer a paz em separado com a Alemanha, por intermédio dos italianos, para evitar possível invasão germânica. Churchill disse não, não e não. afirmou que ‘lutaremos, nos campos, nas cidades, nas ruas, mas nunca nos rendemos’. Esta pretendida reunião de Bolsonaro, se houver, apenas vai adiar o problema.

Churchill afirmou que se Hitler invadissem o inferno, faria acenos para o diabo. Coincidência ou não, a legenda do governo Bolsonaro “Brasil acima de tudo”, é a tradução do dístico da Alemanha nazista, Deutschland uber alles, Alemanha acima de tudo. A tentativa autoritária bateu na porta. As forças democráticas devem entender que a hora da negociação já se esgotou. É preciso combater o mal e não namorar o perigo. Chamberlain tentou evitar o conflito e se cobrir de glórias por negociar a paz. Alcançou a guerra e a desonra. Morreu meses após sua gestão pela paz resultar no mais violento conflito vivido pela humanidade.

Medalha candanga

» RICARDO NOGUEIRA VIANA
Delegado-chefe da 6ª DP.
Professor de educação física

Após um ano de atraso, no próximo dia 23, o mundo tentará desviar o foco das mazelas assimiladas pela covid-19 com o intuito de assistir aos 32º Jogos Olímpicos da era moderna, que será sediada na cidade de Tóquio, no Japão. Ao todo, 11 mil atletas de 206 países estarão confinados durante 15 dias em busca de melhores resultados que agreguem medalhas. A história dos jogos, que deveria ser dotada de políticas afirmativas entre os povos, desde a primeira edição, em 1896, é dotada de preconceito, principalmente relacionado ao gênero. Mesmo com meio milhão de mortos e problemas internos em razão da gestão da pandemia, o Brasil — capitaneado pela judoca afrodescendente Ketleyn Quadros e Bruninho — do vôlei, chegará ao evento com mais de três centenas de atletas os quais competirão em 35 modalidades.

A presença feminina nos jogos era proibida, não só como atletas, mas também como espectadoras. Somente nos jogos de 1900, em Paris, tivemos a primeira participação feminina, sendo que apenas 2,2% dos atletas eram mulheres, e elas figuravam como participantes, ou seja, não eram premiadas. O responsável pela reativação do evento, o francês Pierre de Coubertin, bradou: “É indecente ver mulheres torcendo-se no exercício físico do esporte”. Dali em diante, elas vieram driblando adversidades e galgando os seus espaços até conseguirem sair de uma total exclusão para uma participação ativa na atualidade. Nos jogos que hão de vir, 48% dos atletas são mulheres. A primeira brasileira a disputar a competição foi a nadadora Maria Lenk, em 1932, na natação.

Ostentando a nossa bandeira, estarão Bruno Mossa Rezende, o Bruninho, levantador da vitoriosa Seleção Masculina de Vôlei, que conquistou três medalhas olímpicas, e dispensa apresentações. Quanto à Ketleyn Quadros, brasileira, nascida em Ceilândia, talvez não tão conhecida como seu par, a faixa preta foi terceira colocada nas Olimpíadas de Pequim em 2008, e invocou um adjetivo para caracterizá-la: a primeira. Sim, ela foi a primeira candanga a compor uma equipe olímpica do judô, primeira mulher a ganhar uma medalha em esportes individuais para o Brasil e, como expoente, a primeira mulher negra a portar a bandeira brasileira na abertura dos jogos olímpicos.

Sob a argumentação da filósofa Djamilia Ribeiro, pode-se se dizer que a judoca está exercendo o seu lugar de fala. Ao estar à frente da delegação, a brasileira estará rompendo barreiras e ecoando os anseios e agruras vividas pelo povo negro, escravizado e subalternizado no Brasil. Não haverá discursos, tampouco contestações, mas representatividade.

Trás da bandeira brasileira, hasteada por Ketleyn, estarão retratados todos os brasileiros, sejam os presentes ou os mais de 540 mil que faleceram diante da pandemia, como também todas as mulheres, em especial as negras, que, embora sejam maioria na população, suportam baixos salários, pífias qualificações, desemprego, violências domésticas e a desídia do poder público.

O mundo percebeu que o rastro de destruição deixado pelo vírus ainda estará presente em um futuro próximo, motivo pelo qual a humanidade tenta caminhar de forma letárgica em prol de uma possível normalidade. Coubertin foi sexista e misógino ao restringir as competições ao universo masculino. O esporte, como expressão do ser, dogma do movimento humano, mesmo o olímpico, mais conhecido como de excelência, deve focar não só em resultados, mas em transmitir valores, promover agregação entre os povos visando eliminar qualquer forma de preconceito, seja ele relacionado a origem, gênero, cor, idade ou raça. Rogamos que os brasileiros interpretem o sorriso e os passos firmes da faixa preta como uma mensagem de respeito a todos os afro-brasileiros, em especial às mulheres negras que contribuíram diretamente para formação da nossa identidade.

Acima da escolha, estará o símbolo da nossa bandeira, que refletirá ao mundo o binômio — ordem e progresso — reverberando e almejando um país vacinado, que respeite as diferenças na medida daqueles que se desiguam e que saiba buscar e aliar os menos favorecidos promovendo o bem de todos e extirpando todas as formas de discriminação. Rogamos à Ketleyn, sucesso no judô, mas independentemente de medalhas, a sua caminhada, liderando a delegação brasileira, ditará de forma silenciosa, mas ostensiva, que o Brasil também é negro. Sankofa!

Arquitetura da saudade: uma década sem Niemeyer

» PAULO SÉRGIO NIEMEYER
Arquiteto, presidente do Instituto Niemeyer, conselheiro do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU-RJ)

Em 2022 completam-se 10 anos da morte de Oscar Niemeyer, meu bisavô, o “Dindinho”, era assim que nós o chamávamos. Lembranças, afetos, saudade.

Durante a ditadura militar no Brasil em 1964, invadiram a sua editora, que publicava a *Revista Módulo*, dedicada à arquitetura e às artes. A permanência dele no Brasil tornou-se impossível por causa das torturas e prisões que atingiram seus amigos. Para se proteger, em 1967 Niemeyer decidiu viver em Paris, onde abriu seu escritório na avenida Champs Élysées. Minha mãe, Ana Elisa Niemeyer, sua neta também arquiteta, o acompanhou, e eu nasci na capital francesa. Naturalizei-me brasileiro e em 2012 consegui minha certidão de nascimento. Foi emocionante conhecer a maternidade onde nasci, em um país longe da pátria dos meus pais e do meu bisavô Oscar.

Convivi com Oscar Niemeyer, como bisneto e como seu colega de profissão. Trabalhei em vários projetos com ele, principalmente no Caminho Niemeyer, em Niterói (RJ). Nosso contato era diário. Ele valorizava o debate sobre as cidades, e foi para promover essas ações que fundamos o Instituto Niemeyer, que tem como objetivos: promover a cultura, a conservação dos patrimônios históricos; estudar e pesquisar atividades que visem o aprimoramento profissional. Depois que ele partiu, assumi o compromisso de divulgar sua obra e seu legado.

Já em seu tempo Niemeyer foi vanguarda. O precursor da arquitetura do cimento aparente. A escola

modernista com os vãos livres, a integração com o meio ambiente e as janelas amplas. Niemeyer é referência mundial para estudantes e profissionais, que o reconhecem como mestre da arquitetura.

Ao lado dele, um dia nunca era igual ao outro. O escritório de Niemeyer era uma espécie de “embaixada cultural”, frequentado por personalidades brasileiras e internacionais, artistas, guerrilheiros, integrantes do MST (Movimento dos Sem Terra), e embaixadores. Para trabalhar na recepção ele só contratava moradores da favela da Rocinha, assim criou uma cota para dar oportunidade a esses jovens. Mas exigia uma condição: a cada mês, o funcionário tinha que ler um livro e contar para ele o que tinha aprendido. Esse lado humano dele me encantava. Ele se referia aos excluídos com fraternidade, tanto que a frase que ele mais gostava de repetir era: “A vida é bastante injusta com os mais pobres”. Esse era o meu amado bisavô: justo, solidário, repleto de sensibilidade social.

Niemeyer era um homem muito original em suas atitudes. Ao sentir certa resistência na família, não titubeou em se casar escondido. Organizou tudo secretamente. O casamento aconteceu em sua casa, em uma tarde, num ambiente simples, apenas com um juiz de paz e dois advogados. Como eu morava com ele, fui o único da família presente na cerimônia do seu casamento, aos 99 anos, com a sua secretária, D. Vera Lúcia Guimarães, em 2006. Esse era o meu avô Niemeyer.

Em nossas últimas conversas, perguntei: Dindinho, o que é arte? E ele me respondeu, com aquela voz calma e pausada: “É tudo que cria surpresa e beleza, é um objeto, que você nunca viu antes, uma fala qualquer que nunca ouviu igual, então você se surpreende. E se você tem sensibilidade, você para e aprecia. Arte é invenção. A arquitetura é invenção”. Essa definição me faz lembrar de Brasília. No território livre da internet, leio comentários atribuídos a ele que são falsos. Por exemplo, li que Niemeyer se arrependeu de ter projetado Brasília porque ficou decepcionado com a atuação negativa da classe política nacional. Posso garantir que essa afirmação é falsa, pois Niemeyer amava e se orgulhava da capital federal, que ele viu nascer, e, vigilante, sempre defendeu seu projeto original. Nas palavras dele, “... quem for a Brasília, pode gostar ou não dos palácios, mas não pode dizer que viu antes coisa parecida. E arquitetura é isso — invenção”.

Meu bisavô viveu 104 anos, trabalhou muito, e se divertiu muito também. Mesmo centenário, ia diariamente bater ponto no escritório e me convocava até aos domingos.

Fico imaginando o que diria e faria Niemeyer se, uma década após sua partida, voltasse a viver no Brasil atual. Não tenho autorização para falar em seu nome, mas posso afirmar que ele estaria protestando, defendendo os direitos do povo, lutando contra o imperialismo norte-americano.

Saudade concreta do meu bisavô arquiteto!